

A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E O DESINTERESSE PELO CONHECIMENTO: Possíveis causas e consequências

FARIAS, Cátia Silva Cerqueira de 1

RESUMO:

Este trabalho teve como objetivo principal fomentar a discussão a partir da reflexão acerca da educação contemporânea e o desinteresse pelo conhecimento, buscando descobrir suas possíveis causas e consequências. Como método adotou-se a pesquisa bibliográfica, seguindo algumas linhas de pensamentos de autores que tratam do tema com clareza e coerência, e pesquisa documental, uma vez que se trata do estudo de uma realidade que abrange a população em idade escolar, principalmente pessoas jovens e adultas. Os resultados apontam que a forma como a educação vem sendo tratada pelo sistema vigente, bem como sua refração social, são abordagens que requerem discussões e reflexões mais direcionadas. Os dados desta pesquisa trouxeram informações sobre a necessidade de se verificar qual o papel das escolas, professores e alunos na transformação social eminente, bem como o interesse do estado em fomentar uma educação tecnicista, conteudista. O que nos levará à tentativa de compreender os motivos da falta de interesse pelo saber que acomete as pessoas atualmente, como essa realidade foi construída a partir de interesses sócio-políticos, visando iniciar um processo de mudança na perspectiva de trabalho educacional que não fomenta a construção de ideias, a criatividade, a reflexão, enfim, não incentiva a busca pelo conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: 1 Educação. 2 Conhecimento. 3 Transformação.

INTRODUÇÃO

A abordagem do tema educação contemporânea se apresenta de diversas nuances diferentes, porém todas têm sua importância. Ao longo dos anos a educação vem assumindo vários papéis, mas o mais importante de todos é a contribuição imprescindível na construção da sociedade em que vivemos. O mais interessante é que por mais que ela venha sendo usada como instrumento de controle social e manutenção do poder em diferentes fases históricas, a educação sempre se mostrou como caminho para a construção de uma reflexão crítica acerca das imposições, diretas ou indiretas, do poder. De acordo com FREIRE,

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (FREIRE, 2014, p. 98)

1 Licenciada em Serviço Social pela Faculdade UNIME – Salvador; Especialista em Educação, diversidade e inclusão social pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB - Cuiabá. E-mail: catiacerqueira09@gmail.com

É dessa educação que as pessoas vêm se distanciando, uma vez que ela pressupõe um conhecimento que ultrapassa o oferecido pelo dominador, educação que possibilita uma integração com o mundo e uma liberdade proporcionada pela consciência de que tanto o mundo quanto as pessoas são subjetivos e estão em constante movimento de transformação, em completa interação. E, para os que vão além do despertar crítico, a educação vem sendo a ponte mais segura entre o mundo real e o mundo ideal.

Diante da realidade que se apresenta, este trabalho objetiva fomentar a discussão a partir da reflexão acerca da educação contemporânea e o desinteresse pelo conhecimento, buscando descobrir suas possíveis causas e consequências. Para isso algumas questões são colocadas no intuito de despertar a curiosidade dos leitores. A curiosidade a que nos referimos aqui é a abordada por Paulo Freire, ou seja, aquela que se inicia da ingenuidade e se consolida com a crítica mais profunda ao problema. Essa curiosidade que vai além do senso comum e busca entender o cerne da questão (FREIRE, 2015).

Sendo assim, através da abordagem acima citada, nos questionamos quanto ao modelo de educação contemporâneo. Seria ele um modelo voltado para a satisfação das necessidades do poder vigente? Como ele é visto pelos jovens e adultos atualmente? Eles enxergam, na educação, um meio seguro e interessante de troca de conhecimento? A educação pode se tornar interessante para aqueles que dela precisam para tornarem-se protagonistas da própria história? Eles a veem como meio para, dentro de um contexto social, conduzir as pessoas aos caminhos da cidadania? E os educadores, qual sua visão acerca da educação que eles disseminam e alimentam dia a dia? Eles conseguem vê-la além das paredes do ambiente escolar? Eles se veem enquanto instrumentos dentro de um processo bem maior onde a educação deve se colocar na sociedade assumindo o seu real valor e importância na construção desta?

O principal desafio dos educadores, com senso crítico e consciência do seu papel na sociedade, é utilizar a educação como instrumento para o livre e consciente exercício de cidadania. Os espaços sociais sempre refletiram as desigualdades sociais, culturais e econômicas e estes devem ser o ponto de partida na busca de respostas para os problemas que emergem. A escola, sendo um espaço social de grande relevância na organização social, tem papel fundamental na reflexão e desconstrução das desigualdades. De acordo com GOHN,

A área da educação tem disso historicamente, fonte de demandas e reivindicações de todos os seguimentos sociais que compõem o seu universo: professores e demais profissionais do ensino, estudantes, pais ou responsáveis, gestores e proprietários de estabelecimentos de ensino etc. (GOHN, 2010, p. 58)

O que não se pode negar é que a educação está inserida em todo e qualquer contexto social, ou seja, onde existem pessoas se comunicando e compartilhando conhecimentos a educação lá está. Não se trata meramente da educação formal, aquela que se aprende nas escolas, mas sim da educação enquanto instrumento desenvolvimento humano e social, de elaboração de saberes, construção de valores, valorização e fortalecimento de culturas, de conscientização, enfim, *de exercício livre de consciência* (FREIRE, 2011).

1 A EDUCAÇÃO PARA QUEM ENSINA E PARA QUEM APRENDE

O ato de educar não nasceu nas escolas e nem se encerra nelas, mas é nelas onde ele se fundamenta e consolida como meio de promoção do ser humano enquanto ser social. O que nos assusta é o abismo que se formou dentro da educação escolar entre a educação na visão do educador e a educação entendida pelos educandos. Alguns paradigmas são responsáveis por promover esse abismo. Um deles é a concepção “bancária” da educação, tão bem abordada por FREIRE (2014), que afeta diretamente a relação entre educadores e educandos a partir da falsa ideia de que somente os últimos estão sendo beneficiados com as aulas, colocando o primeiro em um falso pedestal, o que causa um grave afastamento entre ambos. Ainda segundo Freire,

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 2014, p. 82)

Assim, diante dessa concepção, torna-se mais interessante o ter do que o ser, o assistir do que o participar, enfim, o conhecimento vai perdendo o poder diante do ajustamento. Conseqüentemente, a educação passa a ser vista como uma fórmula para facilitar conquistas materiais e deixa-se de lado o aprendizado como meio de desenvolvimento integral, de caráter transformador. O risco disso é que para quem não consegue visualizar nenhuma perspectiva de mudança de vida, em uma sociedade desigual e excludente, a educação enquanto fonte de conhecimento para o crescimento deixa de ter importância e passa a ser algo irrelevante. Tendo em vista as várias formas de ganhos materiais fáceis, a educação torna-se o caminho mais longo para alcançar o que se deseja. Paulo Freire afirma ainda, em um de seus trabalhos que,

Uma das grandes, senão a maior tragédia do homem moderno está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez mais, sem o saber, à sua capacidade de decidir. (FREIRE, 2011, p.60)

O desafio atual da educação é ser vista como meio de libertação, principalmente no que se refere aos apelos midiáticos que vem transformando nossos jovens em consumistas compulsivos e irresponsáveis, desinteressados de si mesmos e buscando nas extravagâncias o preenchimento do seu vazio existencial; contribuir para que eles desenvolvam a autonomia no pensar e a sabedoria no agir; construir junto com eles o caminho para o reconhecimento de suas potencialidades intelectuais e morais, discutindo ideologias e refletindo ideias. Encontrar esse caminho é uma tarefa desafiadora, principalmente quando a política vigente fomenta o tecnicismo, conseqüentemente, a educação “bancária”. Essa forma de trabalhar a educação, excluindo ou dificultando o seu caráter transformador, possibilitado pelo livre exercício da consciência, é também uma manobra política de desqualificação e desmobilização social.

1.1 EDUCADOR VERSUS EDUCANDO: INTERDEPENDÊNCIA CIRCUNSTANCIAL.

Quando pensamos em educação entendemos que aqueles que se inserem nessa área estão com as melhores intenções. Por isso acreditamos que todo professor busca promover algum tipo de mudança na vida de seus alunos. Sabemos que a aula não começa dentro da sala nem no horário estabelecido pela instituição de ensino. A aula começa no seu planejamento, ou seja, quando o professor recebe o conteúdo a ser trabalhado e começa a pensar em como trabalhá-lo. O professor tem, durante o processo de planejamento das aulas, algumas dificuldades a vencer, dentre elas a rotina cansativa de trabalho aliada à falta de estrutura básica para o exercício da função encontrada em algumas instituições. Por outro lado, ele precisa preparar uma aula que mantenha os alunos interessados pelo conteúdo, atentos à aula e motivados ao aprendizado. De acordo com Moran,

De um professor espera-se, em primeiro lugar, que seja competente na sua especialidade, que conheça a matéria, que esteja atualizado. Em segundo lugar, que saiba comunicar-se com os seus alunos, motivá-los, explicar o conteúdo, manter o grupo atento, entrosado, cooperativo, produtivo (...) que saibam interagir de forma mais rica, profunda, vivencial, facilitando a compreensão e a prática de formas autênticas de viver, de sentir, de aprender, de comunicar-se. (MORAN, 2000, p. 5)

Convenhamos que é uma tarefa um tanto quanto heroica. Ser professor requer muita convicção e uma certa dose de altruísmo. Não se pode imaginar um professor preguiçoso – embora seja algo comum, pois trata-se de um ser humano dotado de virtudes e vicissitudes – mas, desde os primórdios da profissão, sabemos que existe o problema claro de desmotivação profissional.

É óbvio que ninguém escolhe uma profissão e investe nela por desmotivação ou para ser infeliz, muito pelo contrário. Ao decidir o que quer fazer e partir em busca disso o indivíduo tem sonhos, expectativas pessoais e profissionais vinculadas ao seu fazer profissional. O que ocorre é o desgaste natural decorrente da rotina e das decepções profissionais que vão minando essa motivação interior enquanto draga os sonhos e as expectativas. Se o profissional não tiver uma boa estrutura psicossocial ele pode se tornar um indivíduo infeliz e incapaz de crescer ou auxiliar na promoção do crescimento alheio. Paulo Freire aponta que,

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia. E ensinar e aprender cortando todas estas atividades humanas. (FREIRE 2001, p. 12)

Não há dúvidas de que os alunos são inspirados por seus professores ou desanimados também por eles, embora isso não seja suficiente para determinar o interesse ou desinteresse pelo conhecimento. No entanto, um professor que demonstra insatisfação, desânimo, desconforto e insegurança em sala de aula acaba transmitindo para seus alunos essas impressões e, conseqüentemente, podem potencializar o desinteresse destes pelo aprendizado naquela disciplina.

Por outro lado, o professor que investe em suas aulas, que demonstra motivação e segurança tem maiores chances de conquistar o interesse dos alunos, sua admiração e respeito. Um fator crucial para a interação em sala de aula é o respeito mútuo. Hoje em dia não cabe mais a figura do professor ditador. Embora a hierarquia seja necessária ela pode ser tratada de forma natural ao invés de forçada e agressiva. O professor deve enxergar seus alunos como seres humanos em formação, cidadãos detentores de direitos e deveres. Os alunos, por sua vez, devem ver no professor uma ponte entre eles e o conhecimento, um facilitador do aprendizado. Desta forma a interação será mais ampla e proveitosa. Ainda segundo Moran,

Pela interação aprendemos, nos expressamos, confrontamos nossas experiências, ideias, realizações; pela interação buscamos ser aceitos, acolhidos pela sociedade, pelos colegas, por alguns grupos significativos. Pela interiorização fazemos a integração de tudo, das ideias, interações, realizações em nós, vamos encontrando nossa síntese, nossa identidade, nossa marca pessoal, nossa diferença. (MORAN, 2000, p. 7)

O processo de aprendizagem é uma via de mão dupla, em que ambos, educador e educando, estão se desenvolvendo por meio do conhecimento e das experiências trocadas. Dentro dessa perspectiva tanto aluno quanto professor conseguem colher bons frutos quando

há uma interação saudável em sala de aula. Quando há essa interação saudável o indivíduo cresce moral e intelectualmente e toda a sociedade se beneficia.

A educação, assim como a comunicação, é um processo cíclico onde quem educa também está sendo educado e vice-versa. Quando ambos, professor e aluno, compreendem o seu papel e o papel do outro nasce o respeito, a cumplicidade e a motivação de aprender e ensinar, de compartilhar conhecimentos, experiências, ideias e ideais. Somente a compreensão de que ambos são parte de um movimento interminável é capaz de estabelecer uma relação saudável de crescimento mútuo.

2 A EDUCAÇÃO REAL ANTE À EDUCAÇÃO IDEAL

Atualmente a educação, assim como a saúde, vem sendo tratada como instrumento de manobra política visando o alcance de metas estipuladas pelos grupos dominantes para a manutenção e ampliação do seu poder. O exemplo disso está na criação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 1990. Vários países iniciaram uma corrida rumo ao progresso, pelo menos em números, isto por que o IDH mede o desenvolvimento de um país a partir de três vertentes: saúde, educação e renda per capita. O resultado do Produto Interno Bruto (PIB) aliado ao IDH dá ao mundo e aos investidores a noção do desenvolvimento de um país. A consequência disso é o direcionamento de recursos e a confiabilidade nesses países perante o mundo.

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgados em 2014, o Brasil apresenta IDH de 0,755, ocupando a 75ª posição no ranking mundial. Esse valor é considerado alto e essa elevação no IDH é em decorrência do aumento da expectativa de vida da população brasileira e da taxa de alfabetização, principais responsáveis por esse progresso. Vamos nos ater aqui ao fator alfabetização que pertence à variável educação. Tivemos de fato um crescimento no número de pessoas alfabetizadas, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2019 a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6%, mas a questão aqui é se esse número reflete à realidade do país em relação à qualidade de vida e participação efetiva dos brasileiros no que tange à política nacional, conhecimento e garantia de direitos constitucionais básicos. Vale ressaltar que não se trata aqui de política partidária, mas sim da política de atuação nas decisões que afetarão a todos no país. A educação para o exercício da cidadania possui papel fundamental nesse processo de decisões e participação social. No

entanto, verifica-se aqui que a importância da educação contemporânea está em satisfazer às necessidades do sistema econômico vigente.

2.1 A ESCOLA: UM MUNDO DENTRO DE OUTRO MUNDO

Durante muito tempo a escola foi vista como um local onde as pessoas eram formadas. O termo *Formatura* carrega em si uma amplidão de significados, mas no contexto escolar a responsabilidade acaba sendo maior que a realidade. Formar pressupõe construir, mas o que se constrói em uma escola? Caráter, conhecimento, valores, técnicas? Podemos dizer que tudo isso e mais um pouco. As escolas formam pessoas antes de formar profissionais. Das escolas saem os cidadãos que irão atuar na sociedade, no mundo como um todo. Veremos mais adiante que a escola faz parte de um tripé que forma a base de qualquer ser humano. É preciso entender a importância da escola na sociedade.

Muitos alunos frequentam as escolas sem saber por que estão lá. Apenas obedecem aos pais ou responsáveis. Muitos iniciam suas relações sociais no ambiente escolar sem perceber o que estão fazendo. Outros começam, também sem perceber, uma completa aversão à vida social e seus relacionamentos. Mas, como a educação pode tornar-se interessante para aqueles que dela precisam para tornarem-se protagonistas da própria história? Primeiro é necessário que eles percebam isso, ou seja, que os jovens entendam a importância do saber para o desenvolvimento saudável do seu ser. O verbo *ser* aqui empregado vai além do existir, ele pressupõe participar ativamente do contexto social que nos cerca. Vale salientar que a participação pode ser ativa ou passiva, também pode ser positiva ou negativa, e quando o jovem aprende a identificar essas diferenças ele tem a possibilidade de escolher e assumir sua identidade política e social.

A participação ativa está presente nos momentos onde todos os envolvidos ficam cientes das situações e se posicionam com sugestões de melhoria, críticas ou reflexões. A participação passiva ocorre quando, um pequeno grupo articula-se e decide as ações e em seguida convoca os demais para informar-lhes acerca das situações e das medidas a serem adotadas. Já no que tange à participação positiva, trata-se da adoção de uma postura pró soluções, onde a crítica vem seguida por uma sugestão de melhoria, ou quando todos estão imbuídos no trabalho pelo alcance de metas comuns, onde os interesses coletivos se sobrepõem aos interesses individuais. Em relação à participação negativa ocorre exatamente o contrário. As decisões são tomadas de forma arbitrária, cada um visa satisfazer seus interesses e desrespeita a coletividade, as críticas são sempre destrutivas e o grupo não se entende.

Dentro do ambiente escolar, tanto educador quanto educando, passam por esses momentos onde exercem algum tipo de participação. O conhecimento possibilita que eles identifiquem essas situações e exerçam a participação consciente, ou seja, saibam por que e como estão participando. Ainda segundo Paulo Freire,

Por isso, desde já, salienta-se a necessidade de uma atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado, se realiza a proporção em que seus temas são captados e suas tarefas são resolvidas. (FREIRE, 2011, p.61)

O conhecimento pressupõe reflexão acerca dos problemas que nos atingem e, conseqüentemente, busca de soluções para tais problemas. Quando o sujeito se vê como cidadão participante e atuante dentro de uma realidade social ele se torna responsável diretamente pelos resultados alcançados. Esse processo deve iniciar-se na escola durante as atividades dentro e fora das salas de aulas. O ambiente escolar deve promover essa integração entre o jovem e o mundo que o cerca, respeitando as relações sem descuidar da marginalização que pode ocorrer devido às diferenças de ideologias, metas e objetivos dos jovens. As pessoas tendem a agrupar-se de acordo com seus interesses, isso é bom, mas elas não devem se isolar em grupos. É importante que haja um interesse comum para todos, que todos participem de forma igual para que se desenvolva essa integração social.

O conhecimento ativa a consciência e ela se expande na medida em que esse conhecimento aumenta. O espaço escolar deve possibilitar ao professor e ao aluno uma relação saudável e construtiva, respeitando os espaços coletivos preservando as individualidades. Moran fala que,

Educar é colaborar para que professores e alunos – nas organizações – transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção de suas identidades, do seu conhecimento pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das suas habilidades de compreensão emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornar-se cidadãos realizados e produtivos. (MORAN, 2000, p,1)

É importante que haja esse envolvimento entre a escola os educadores e os educandos para que ocorra um aproveitamento do espaço escolar como um todo. As diversidades estão presentes em os ambientes onde houver comunicação, mas há de se encontrar uma motivação que integre todos os grupos sociais que se formam dentro das escolas e que se estendem para além dela. Devemos entender o ambiente escolar como uma extensão de nossas vidas, de todos os envolvidos neste ambiente, assim teremos e incutiremos o devido respeito e reverência à educação.

2.2 O TRIPÉ DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: FAMÍLIA, SOCIEDADE E ESCOLA

Todo ser humano, em seu processo de crescimento, precisa estar amparado por um tripé que o sustentará auxiliando na formação de seus valores éticos, morais e intelectuais. Esse tripé é formado por três instituições básicas que se relacionam entre si, são elas a família, a sociedade e a escola. A família é onde se estabelecem as primeiras noções de relacionamento e convivência. A sociedade é onde essas relações se expandem e tomam corpo. Na escola são estabelecidas as primeiras regras de convivência e as noções de relação entre o ser e o mundo que o cerca. Esses pilares determinam a formação do indivíduo e se estiverem em sincronia podem formar cidadãos e transformar uma sociedade.

Quando nascemos somos, na maioria das vezes, cercados pelo ambiente familiar. Somos protegidos e nossa inserção no mundo é controlada e cuidadosa. Vivemos em um meio onde as pessoas estão preocupadas com nosso bem-estar e acreditamos que o mundo gira em torno de nossas necessidades. Quando ingressamos no ambiente escolar começamos a conviver com outras pessoas. Estas pertencem a núcleos familiares diferentes com valores e histórias diferentes e cada um está buscando seu próprio lugar no mundo. De acordo com Brandão (1995) a educação é feita em todos os lugares, engana-se quem pensa que somente na escola ocorre o processo de ensino e aprendizagem. O valor que se dá a esse processo inicia-se em casa e toma forma na convivência social. Isto significa que para o indivíduo, consciente ou inconscientemente, todo processo deve ter uma finalidade. Se o jovem não aprendeu desde cedo qual a finalidade e o valor da educação e do saber ele não encontrará sentido algum no processo de aprendizagem.

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência de saber. (FREIRE, 2015, p. 44)

Não devemos menosprezar em hipótese alguma o ensino tecno-científico, pois sabemos ser ele fundamental na formação intelectual do indivíduo. O que ressaltamos aqui, com a contribuição de Freire (2015) é que a escola deve levar em consideração as capacidades dos indivíduos e a partir delas promover o ensino de forma mais ampla. O processo educativo não deve ser tratado como uma prática de transferência, isso imobiliza o educando colocando-o à margem do conhecimento. Segundo essa forma de educar quem absorve o conhecimento segue adiante quem não absorve fica para trás.

A escola, por sua vez, pode e deve fomentar, quando não desenvolver, nos jovens e adultos esse interesse pelo conhecimento. Para isso é preciso derrubar o *Mito da Hierarquia Ideológica* abordado por Gramsci (1978). Ambos, professor e aluno, devem compartilhar ideias e respeitar ideologias a fim de estabelecer relações prazerosas e construtivas. O desenvolver se dá quando a escola atua desde a infância promovendo ações pedagógicas voltadas ao despertar da valorização do aprendizado, contrapondo a ideologia sistêmica e mostrando a importância do conhecimento científico aliado ao empírico. Para isso se faz necessário que o professor compreenda que os alunos são seres individuais e possuem histórias, vivências e identidades sociais e culturais que transpõem os portões da escola, mas que não ficam do lado de fora quando esse aluno ingressa na sala de aula. Para Paulo Freire,

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. (FREIRE, 2015, p. 62)

Na escola são fortalecidas, quando não formadas, as identidades sociais dos jovens. Eles se unem em grupos que compartilham os mesmos interesses e a partir dessa convivência vão se identificando com o mundo em sua volta. Essa interação acaba muitas vezes separando as pessoas, segregando de acordo com valores, costumes e identidade cultural. Mas isso deve ser tratado como algo comum e saudável, desde que a escola encontre um fator em comum que possa unir todos os grupos. A convivência deve ser incentivada levando-se em consideração que os grupos são células vivas dentro do ambiente escolar e que se nutrem de descobertas e conceitos em comum. É necessário criar situações onde todos se envolvam e se motivem para interagir de forma saudável e produtiva.

Por isso a importância da integração entre a escola, a sociedade e a família, uma vez que o aluno não é somente aluno na escola, ele é parte de outros núcleos que o formam e que a partir dele também se transformam. Freire ainda afirma que *aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar* (FREIRE, 2015, grifo do autor). Uma vez que alunos e escola compreendem seus papéis e se buscam mutuamente começa a ocorrer de fato essa mudança. Trabalhar educação em um contexto que a desvaloriza se torna cada vez mais desafiante para todos os envolvidos. A escola deve ter bem estabelecido o seu Projeto Pedagógico, os educadores devem ter plena consciência do seu Projeto Ético Político e a família deve conhecer bem o seu papel de base na construção daquele indivíduo que dela emerge.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender de fato a relação entre educadores e educandos é uma tarefa que exige pesquisa, reflexão, análises ponto de vista crítico. Não é algo que se possa responder em um artigo, uma vez que este traz a visão de um autor e seus colaboradores literários. Essa missão requer uma gama maior de mentes pensando a respeito, conversando, construindo saberes. Principalmente daqueles que convivem com a realidade das salas de aula e suas dificuldades. Por isso reafirmamos que a proposta do trabalho de pesquisa não é dar uma resposta aos questionamentos, mas antes de tudo despertar em outros pesquisadores o interesse em descobrir as causas e consequências do desinteresse pelo conhecimento que acomete nossos jovens e adultos. Conclamamos aqui Psicólogos, Pedagogos, Assistentes Sociais, Educadores, todos os profissionais que de alguma forma buscam respostas para os problemas que assolam a sociedade. Que possamos iniciar um movimento em prol do saber, da valorização do conhecimento, do desenvolvimento do ser integral, co-autor e protagonista de sua história. A educação que queremos é, reafirmamos, a educação do ser integral. Essa educação que contempla o ser como um todo, considerando suas características e respeitando sua individualidade, sem excluí-lo da realidade a que pertence. Temos a *consciência do inacabamento*, trazida por Freire (2015) onde ele ressalta que para caminharmos temos que estar *dispostos a mudanças, à aceitação do diferente*. Buscamos todos os dias maneiras de mudar o mundo, precisamos adentrar nas causas do problema para que possamos buscar em nós o gérmen do progresso, renovar o plantio de ideias, semear o que temos de bom, construir valores positivos, acreditar mais em nós e no outro, desenvolver nossas potencias e ajudar o outro nesse processo. Enfim, precisamos nos unir para transformar o mundo que temos no mundo que queremos. Já temos a ferramenta, a educação, basta que possamos utilizá-la com sabedoria. Sejamos a ação transformadora.

REFERÊNCIAS

_____. **Desenvolvimento e IDH**. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Salvador, 2022. Disponível em:

http://www.pnud.org.br/idh/IDH.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDH. Acesso em 02 fev.

_____. **IBGE**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Salvador, 2022. Disponível em:

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=Um%20dado%20importante%20sobre%20educa%C3%A7%C3%A3o,havia%20sido%206%2C8%25>. Acesso em 04 mai.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23) 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. 14. ed. ver. Atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014

GONH, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 2.ed. – Petrópolis: RJ. Vozes, 2010.

RAICHELIS, Raquel. **Esfera pública e Conselhos de Assistência Social: caminhos da construção democrática**. 3. ed. – São Paulo, Cortez, 2005.

AZEVEDO, Ávila de. **As idéias pedagógicas de Pestalozzi**. Revista da Faculdade de Letras : Filosofia. Porto (PT). Série I, vol. 2, nº. 1/2, 1972, pag. 29. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1283.pdf>. Acesso em 10 Jun. 2016

MORAN, José. **Mudar a forma de ensinar e de aprender**. Revista Interações, São Paulo, 2000. Vol. V, p.57-72. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/uber.pdf. Acesso em 11 Jun. 2016

FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. **Escola, Educação e Trabalho na concepção de Antonio Gramsci**. PUCPR , Curitiba 2009

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. 33.ed.São Paulo: Brasiliense, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **Concepções Dialéticas da História**. 3. Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978